

# Cadernos Espinosanos



**ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII**

n. 37 jul-dez 2017 ISSN 1413-6651

IMAGEM *O Pintassilgo*, obra realizada em 1654 pelo pintor holandês Carel Fabritius.

## DEFESA DE MESTRADO

O PROBLEMA DA FELICIDADE NO MELHOR DOS MUNDOS POSSÍVEIS

Cristian Vasconcellos Paoletti

ORIENTADORA: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Tessa Moura Lacerda

03/07/2017

RESUMO: Consagrado pela doutrina de que o nosso mundo é *o melhor dos mundos possíveis* e por seu otimismo em relação à humanidade, o filósofo alemão G.W Leibniz (1646-1716) não poderia deixar de tecer considerações sobre o problema da felicidade humana. Mas, em face das inúmeras mazelas que afligem a humanidade, e sendo o leibnizianismo um otimismo *teísta*, fundado na convicção a respeito do governo *soberano* de um Deus *bom*, segundo o qual se admite a existência de uma ordem moral e divina do Universo, apresenta-se para o pensador algumas dificuldades no que tange à defesa da tese do melhor dos mundos, se quisermos admitir que este “melhor” consiste de um plano divino que diz respeito de alguma forma à humanidade e a seu bem estar, demandando-se, assim, a justificação de sua posição à luz da experiência humana observável e dos aspectos metafísicos, teológicos e morais de seu pensamento. O presente trabalho visa, assim, tratar do *problema da felicidade no melhor dos mundos possíveis*, partindo-se da exploração da concepção leibniziana de felicidade, elucidando-se o sentido da tese do melhor dos mundos possíveis, e culminando com a defesa da tese de que, a despeito das aparências em sentido contrário, neste “melhor mundo”, a felicidade dos espíritos é o principal – embora não o único – desígnio de Deus, considerando-se também o papel de uma solução

escatológica e levando-se em conta que a felicidade, para o autor não é um atributo *estático* do mundo, mas parte de um progresso perpétuo em perfeição e na direção de novos prazeres.

## DEFESAS DE DOUTORADO

JOHN LOCKE E A LIBERDADE REPUBLICANA

Rodrigo Ribeiro de Souza

ORIENTADOR: Prof. Dr. Alberto Ribeiro Gonçalves de Barros

16/02/2017

RESUMO: Ao longo da história da filosofia, John Locke tem sido frequentemente apresentado sob o rótulo de “pai do liberalismo”, o que decorre, invariavelmente, de um modo peculiar de interpretação da noção de liberdade para o filósofo, que estaria estruturada em torno da ideia de não-interferência, Derivada frequentemente de propostas analíticas realizadas em um “vácuo histórico”, em que as ideias de Locke são tomadas como uma estática coleção, tal conclusão expressa uma perspectiva que não considera o caráter essencialmente discursivo da filosofia política e o “campo problemático” em que os conceitos foram pensados pelo filósofo. Se tomarmos a obra de Locke a partir de um campo mais abrangente, constituído por diferentes “atos de discurso”, em que sejam considerados as condições e o contexto em que os elementos textuais foram enunciados, recuperando-se o aspecto polêmico do texto, pode ser evidenciado um traço marcadamente republicano no conceito de liberdade formulado pelo autor. Partindo da perspectiva de John Pocock acerca do processo de formação do republicanismo inglês, segundo a qual as matrizes republicanas foram recebidas na Inglaterra a

partir do século XVI, desencadeando um longo processo de “anglicização da república”, no qual diferentes “momentos” podem ser identificados, e tomando como pressuposto a dupla filiação do conceito moderno de liberdade, proposta por Jean-Fabien Spitz, o propósito deste trabalho é colher os elementos que apontam em que medida a noção de liberdade defendida por Locke em sua obra política pode ser considerada tributária dos argumentos desenvolvidos nos “momentos” precedentes em que se expressou o pensamento republicano na Inglaterra, o que permitiria incluí-la como referência de um importante “ato” do longo discurso que culminou na formulação do conceito republicano de liberdade.

O INFINITO EM PESO, NÚMERO E MEDIDA: A COMPARAÇÃO  
DOS INCOMPARÁVEIS NA OBRA DE BLAISE PASCAL

João Figueiredo Nobre Cortese

ORIENTADOR: Prof. Dr. Luís César Guimarães Oliva

30/10/2017

RESUMO: Este trabalho mostra a unidade da obra de Pascal no que diz respeito à “comparabilidade dos incomparáveis”: a comparação, linguística ou matemática, que é feita entre coisas que não poderiam, em princípio, ser aproximadas. Trata-se de fazer uma abordagem histórica e linguística para colocar questões filosóficas sobre a comparação, em particular sobre o papel fundamental que o infinito desempenha de acordo com Pascal. Identificamos a comparação de incomparáveis sob três formas. A primeira parte deste trabalho é dedicada à formulação de uma forma de analogia retórica que chamamos de *analogia de desproporção* (inspirada por Secretan 1998). Se geralmente se diz que a analogia faz uma comparação entre duas relações, cada uma das quais existe en-

tre coisas homogêneas, a analogia da desproporção torna possível, por outro lado, mostrar uma semelhança entre relações de heterogeneidade, entre desproporções ou entre distâncias infinitas: duas coisas são tão diferentes entre si quanto duas outras. Pascal sendo um autor que enfatiza as desproporções acima de tudo, mostramos que ele compara as desproporções, em especial para delimitar o que o homem não conhece perfeitamente. A segunda parte analisa a prática matemática de Pascal “em peso, número e medida”: trata-se de mostrar que no método dos indivisíveis das *Cartas de A. Dettonville*, no *Tratado do triângulo aritmético* e na comparação das linhas curvas e retas, sempre o infinito (ou melhor, o indefinido) intervém como um fator que permite a comparabilidade do que parecia incomparável. A terceira parte faz uma discussão filosófica sobre o infinitamente pequeno e o infinitamente grande, levando em consideração a prática matemática de Pascal. Discutimos a natureza dos “indivisíveis”, “diferenças” e “distâncias infinitas”. Propomos que o “infinito” na prática matemática de Pascal é melhor compreendido como um “indefinido”, ligando-o a uma distinção entre o significado absoluto e o significado relativo das palavras. Uma exceção na prática matemática de Pascal é a geometria projetiva, onde devemos aceitar elementos a distância infinita. O “encontro” dos dois infinitos, finalmente, permite mostrar a reciprocidade do infinito de grandeza e do infinito de pequenez. Uma discussão é feita sobre este assunto, ligando a proporção inversa entre os dois infinitos à grandeza e à pequenez do homem, e ao caráter paradoxal de certas verdades de acordo com Pascal, as quais são resolvidas na pessoa de Jesus Cristo. Concluimos que Pascal traz do infinito não um conhecimento direto, mas uma abordagem da relação que o homem, ser finito, tem com o infinito.

*SUI JURIS, FORTUNAE JURIS: ENSAIO SOBRE  
ONTOLOGIA E HISTÓRIA EM ESPINOSA*

Antônio Mario David Siqueira Ferreira

ORIENTADORA: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marilena de Souza Chaui

10/11/2017

RESUMO: A pesquisa visa a estabelecer o conceito de história em Espinosa. Na Introdução, discute-se o estatuto da linguagem em Espinosa e a maneira pela qual se interpreta a obra. A primeira parte, dedicada à ontologia, contém quatro capítulos: a crítica de Espinosa aos filósofos (capítulo 1), a refutação do finalismo (capítulo 2), a teoria da causalidade (capítulo 3), a centralidade da noção de ordem (capítulo 4). O Apêndice da primeira parte versa sobre o conceito de regra de vida. A segunda parte é dedicada à concepção de história em Espinosa e compreende três capítulos: o conceito de multidão (capítulo 1), o trabalho na gênese da vida comum (capítulo 2); a revolta popular (capítulo 3). No Apêndice da segunda parte discute-se a noção de democracia. Na conclusão, procura-se delinear um conceito de história amparado na ontologia espinosana.

## LANÇAMENTOS

LEIBNIZ E HOBBS: CAUSALIDADE E PRINCÍPIO DE RAZÃO SUFICIENTE

Celi Hirata

EDUSP

É notório que Leibniz sempre buscava nas outras filosofias pontos de convergência com a sua, mostrando que havia algo de verdadeiro em todas elas, ao mesmo tempo que lhes fazia duras críticas, apontando suas limitações e deixando claro ao leitor por que era preciso abandoná-las em nome do seu sistema. Esse procedimento, tão conciliador quanto ardiloso, deixa-se revelar com especial virulência na relação de Leibniz com Hobbes pouco explorada pela tradição de comentário e tema desse belo livro de Celi Hirata, cuja base foi sua tese de doutorado premiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) como a melhor tese de filosofia em 2013. A autora mostra com muita precisão argumentativa e fidelidade aos textos originais, quanto a elaboração leibniziana do princípio de razão suficiente, ponto fulcral de seu racionalismo integral, foi devedora da noção hobbesiana de causalidade, segundo a qual a reunião de todos os requisitos necessários para a produção de um efeito não só permite que esse efeito seja produzido como não pode deixar de produzi-lo. Essa noção levará à formulação de algumas das principais teses hobbesianas, como a necessidade absoluta de tudo que ocorre no universo, o materialismo radical e a impossibilidade de investigação racional da natureza divina. Ora, se Leibniz parte da causalidade hobbesiana para formular o seu princípio, o alargamento que faz da noção de razão (para além da mera causalidade eficiente que Hobbes tinha em vista) acaba por permitir que o filósofo alemão derrube cada uma das teses hobbesianas mencionadas. A insuficiência

do mecanicismo para dar conta da realidade levará Leibniz a afirmar a imaterialidade das substâncias, a contingência da criação e a justiça suprema de Deus. De Hobbes, Leibniz guardará a crítica à indeterminação e ao acaso, mas o sentido dessa crítica será completamente subvertido. Ao apresentar-nos meticulosamente todas as etapas desse processo, este livro de Celi Hirata, de certo modo, nos conta a história de um parricídio, talvez não o único presente na obra de Leibniz, mas certamente um dos mais cruéis.

ALEGRIA E FELICIDADE: A EXPERIÊNCIA  
DO PROCESSO LIBERADOR EM ESPINOSA  
Marcos Ferreira de Paula  
EDUSP

Este é um livro de grande interesse tanto para iniciantes quanto para especialistas no pensamento de Baruch de Espinosa (1632-1677). Aqui, com grande clareza e beleza, Marcos Ferreira de Paula explora a maneira engenhosa como a filosofia espinosana faz da alegria um instrumento essencial para a construção da liberdade humana tanto na ética quanto na política. De fato, se a filosofia espinosana é simultaneamente uma filosofia da liberdade e uma filosofia contra a superstição, ela própria é igualmente seu mais potente exemplo de como filosofar é, acima de tudo, um elevado modo de vida – a vida do homem livre e sábio, o homem que “em nada pensa menos que na morte” –, uma constante e consciente busca do bem-estar, a Felicidade. Desde seus primeiros escritos Espinosa busca orientar seu leitor no tortuoso caminho de superação da servidão, um caminho que tem início no reconhecimento de suas impotências intelectuais e passionais. Para bem além, no entanto, da an-

terior denúncia feita por Descartes acerca da presença do erro em nosso conhecimento. Espinosa mostra que nosso maior defeito é de ordem passional: uma cadeia de tristezas, ódios e más alegrias que desequilibra em cada um de nós a potência de nosso corpo e da nossa mente e nos entrega à superstição e à servidão, que por sua vez realimentam essa mesma cadeia de afetos tristes ou inadequados. Contra essa enlouquecida experiência da tristeza, todavia, Espinosa mostra que nosso *conatus*, aliado aos nossos amores e alegrias e principalmente à nossa potência para produzir e ampliar uma pluralidade de alegres afetos múltiplos e simultâneos, mantém em nós o desejo em ato da produção autônoma de nosso bem-estar – ou nossa felicidade –, e também por isto a alegria é instrumento de conquista de uma vida livre e sábia, dedicada à filosofia e à multiplicação da própria cadeia de afetos alegres. Como Marcos Ferreira de Paula mostra de múltiplas maneiras nesta sua intensa investigação da teoria espinosana dos afetos, a partir de Espinosa não há mais como dissociarmos vida filosófica e Felicidade.

## EVENTOS

### III CONGRESSO IBERO-AMERICANO LEIBNIZ

Entre os dias 6 e 9 de novembro, aconteceu em Curitiba, na UFPR, o III Congresso Ibero americano Leibniz. Foi a primeira vez que os professores e pesquisadores dos diversos países participantes da Red Iberoamericana Leibniz se reuniram no Brasil, aproveitando a ocasião para refletir também sobre a situação atual das universidades brasileiras. Os membros do Congresso redigiram uma carta com pedido de esclarecimento das circunstâncias da prisão do reitor da UFSC, Luiz Carlos Cancellier de Olivo – a prisão levou o reitor à morte por suicídio.

### PRÊMIO JABUTI

No dia 31 de outubro de 2017, foram anunciados os vencedores da 59ª Edição do Prêmio Jabuti, que contemplou a Professora Marilena de Souza Chaui na categoria de Ciências Humanas com o segundo volume de *A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa*, publicado pela Editora Companhia das Letras, no ano de 2016.

Voltando-se para a noção de liberdade, Marilena Chaui completa o percurso iniciado no primeiro volume do *Nervura*, publicado há 18 anos, e no qual tratava sobre a noção de imanência. Assim, no segundo volume, a autora cumpre de maneira geral dois propósitos, de um lado mostra que a imanência de Deus à Natureza não impede, mas é condição da existência das coisas singulares, e do outro lado que a necessidade não impede, mas define a liberdade.

Nessa mesma categoria foram contemplados, em 2º lugar o livro

*A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado*, de Jessé Souza, publicado pela Editora Leya. E em 3º lugar o livro *A tentação Fascista no Brasil: Imaginário de Dirigentes e Militantes Integralistas*, de Hélió Trindade, publicado pela Editora da UFRGS.

## TÍTULO DE PROFESSORA EMÉRITA

No dia 13 de dezembro de 2017, no Auditório Nicolau Sevcenko, localizado no Conjunto didático de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, foi realizada a Cerimônia de outorga do título de Professora Emérita à Marilena de Souza Chaui.

Segundo o artigo 93 do Estatuto da USP, o título de professor emérito é uma distinção concedida a professores aposentados, que se destacaram por atividades didáticas e de pesquisa ou que tenham contribuído de modo notável, para o progresso da Universidade.

Marilena Chaui realizou toda a sua formação acadêmica no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, instituição na qual lecionou como professora titular desde 1986. É reconhecida nacional e internacionalmente, sobretudo pelos trabalhos desenvolvidos em torno da filosofia de Espinosa. Trabalhos entre os quais se destacam os dois volumes de *A nervura do real*, vencedores do Prêmio Jabuti nos anos de 2000 e 2017, respectivamente. Além disso, Marilena Chaui tem também, uma pesquisa vasta e consistente sobre a filosofia de Maurice Merleau-Ponty, que começou com sua dissertação de mestrado defendida em 1971, intitulada *Merleau Ponty e a crítica do humanismo*. Considerando sua formação e dedicação a essas duas vertentes do pensamento filosófico dos séculos XVII e XX, Marilena Chaui já orientou e ainda tem sob sua tutela várias pesquisas de mestrado e doutorado, além de coordenar e participar ativamente do Grupo de Estudos Espinosanos.

Marilena Chaui é uma professora engajada, cuja produção intelectual é ampla e engloba desde questões concernentes à filosofia, a

discussões sobre a política brasileira, crítica da cultura, reflexões sobre a Universidade etc. Ademais, além de publicações voltadas para a comunidade acadêmica, a professora Marilena Chaui tem, também publicações consagradas voltadas para o ensino de filosofia aos alunos de ensino médio, como *Iniciação à Filosofia* e *Convite à Filosofia*, obra com a qual ganhou o seu primeiro Prêmio Jabuti em 1995.

Levando em conta a trajetória de Marilena Chaui, sua produção e engajamento em diferentes esferas, a professora Maria das Graças de Souza afirma, ao redigir o convite de outorga do título de professora Emérita, que “a vasta e diversificada produção” da professora Marilena “veiculada em artigos, conferências e cursos, no Brasil e no exterior, é, sem dúvida, uma contribuição decisiva para a formação de estudantes e professores da área de Filosofia e de Ciências Humanas”.